

# VAMOS FALAR?

## *SOBRE A REACÇÃO DAS OUTRAS PESSOAS À CONDIÇÃO FÍSICA DO SEU FILHO*

### PARTE II

MAIO, 2019

#### E CHEGADO O MOMENTO DE ENTRAR PARA A ESCOLA?

Qualquer pai quer que o seu filho se sinta o mais seguro, acolhido e bem integrado possível na escola. Como pai de uma criança com uma condição rara, sobre a qual as pessoas conhecem muito pouco ou nada, caberá a si ser o seu maior embaixador. Por essa razão, antes de o seu filho entrar para a escola, pode ser importante reunir com a direcção e os professores para os colocar a par das suas necessidades específicas, mas também para que saibam no que é que ele é em tudo semelhante aos seus colegas.



Nas reuniões com a escola e os professores, os pais poderão partilhar a forma como preferem que se refiram ao seu filho sempre que for necessário descrevê-lo fisicamente (há quem prefira a expressão “pessoa com baixa estatura”, ou “pessoa com nanismo”, por exemplo). Ainda assim, não há melhor nem mais justa forma de alguém se referir ao seu filho do que tratá-lo, simplesmente, pelo seu nome. A ANDO Portugal tem disponível no seu site [um modelo de carta](#) que poderá servir de inspiração para os pais prepararem estas conversas com a equipa escolar.

Há pais que decidem ir à escola do seu filho no início do ano lectivo para o apresentarem, falarem da sua condição física e responderem a questões dos outros alunos. Quando as crianças compreendem por que razão alguém é diferente, descontraem e aceitam esse facto com naturalidade. É importante que os pais respondam de forma amigável, paciente e não agressiva, e que a explicação que derem sobre a diferença física do seu filho seja a mais simples possível. Por exemplo, “O/A (nome próprio da criança) é mais pequeno do que as outras crianças porque os seus

ossos crescem mais devagar”. É igualmente importante sublinhar que o seu filho e os colegas certamente partilham muitos interesses em comum, e que não demorará até que o descubram.


A sua abertura ajudará os colegas do seu filho a sentirem-se à vontade com a sua diferença física e a verem para além dela. As conversas com eles poderão trazer uma vantagem adicional à experiência escolar do seu filho: a de nos anos seguintes, à medida que novos alunos forem chegando à escola, haver um conjunto de crianças/jovens que poderá explicar-lhes rapidamente por que razão o seu filho é diferente. Tudo isto poderá contribuir para que, no futuro, ele não seja alvo de tanta atenção.


O apoio dos colegas é realmente um importante factor na boa adaptação à escola.





## E A ESCOLA, COMO PODE AJUDAR O MEU FILHO?


Fora da família, o apoio da escola é muito importante para a boa adaptação das crianças com condições físicas crónicas (Erling, 2004). No caso específico dos alunos com displasia óssea, a escola deve começar por se inteirar das adaptações necessárias para favorecer a mobilidade, a segurança e a autonomia do aluno. Porém, o seu papel não termina aí. A escola e os professores contribuem para o desenvolvimento de uma identidade positiva nos seus alunos com displasia óssea quando:

 Se focam nas suas qualidades e pontos fortes em vez de enfatizarem as suas limitações. As atitudes positivas dos professores serão modelo para os restantes alunos e para a equipa escolar;

 Tratam o aluno de acordo com a sua idade e não de acordo com a sua altura. Não infantilizar a criança é um contributo essencial para a sua auto-estima e auto-confiança;

 Têm expectativas positivas acerca da sua inteligência – à excepção de quando há alguma dificuldade de aprendizagem, é de esperar que a criança com displasia óssea tenha o mesmo nível de desenvolvimento cognitivo que as outras crianças;

 Estimulam ao máximo a sua participação nas actividades da escola, apoiando os seus interesses académicos, artísticos e desportivos;

 Promovem um ambiente escolar inclusivo e seguro para todos os alunos. Os alunos com deficiência ou condições de saúde crónicas podem estar mais vulneráveis a serem vitimizados ou agredidos pelos colegas (Sentenac et al., 2013; King et al., 2018). É importante que toda a comunidade escolar passe a mensagem de que gozar, ridicularizar ou insultar outro colega, seja por que razão for, não é aceitável em circunstância alguma. Muito menos será agredir, intimidar ou em

ameaçar. Se tal acontecer, **a equipa escolar deve intervir imediatamente.**



Favorecem um clima de abertura e respeito pelo que torna os seus alunos únicos. A escola deve ensinar os seus alunos a tratarem com dignidade e respeito o que os distingue e ao mesmo tempo a reconhecerem o que têm em comum e o que os liga uns aos outros. Quanto mais cedo as crianças aprenderem a compreender, a aceitar e a celebrar as suas diferenças - mas também a reconhecer aquilo em que são semelhantes -, mais naturalmente irão desenvolver hábitos de respeito, amizade e inclusão.



## UMA NOTA SOBRE BULLYING

O *bullying* é um fenómeno social particularmente comum para crianças e jovens em contexto escolar. Pode manifestar-se de diferentes formas incluindo violência física directa, insultos e ameaças verbais, agressão social ou relacional (por exemplo, exclusão social, humilhação e difamação) e assédio electrónico através de meios online (*cyberbullying*). Considera-se que estamos perante um acto de bullying quando estas experiências se repetem e prolongam no tempo (Hymel & Swearer, 2015).

Embora nem todos os olhares e comentários sejam necessariamente actos de bullying, as pessoas com displasia óssea não terão dificuldade

em recordar diversas situações nas quais foram gozadas, ridicularizadas e se sentiram inseguras em público, física e emocionalmente (Shakespeare, Thompson & Wright, 2010).

Se o seu filho for vítima de bullying, a sua resposta – assim como a da escola - deve ser muito mais interventiva. Quando as crianças e os jovens estão sujeitos a agressões repetidas e prolongadas precisam do apoio e da intervenção dos adultos. É muito importante encorajar as crianças a pedir ajuda nessas alturas. Os adultos devem intervir activamente para garantir que elas se sentem seguras, tanto física como emocionalmente.

As escolas que promovem ambientes positivos e inclusivos estão em melhor posição para fortalecer o sentimento de pertença dos seus alunos. Por sua vez, quando os alunos têm um maior sentimento de pertença à escola e ao seu grupo de amigos, estão mais protegidos contra a agressão e vitimização por parte de outros alunos (Rose et al., 2013).

Também é importante que os pais saibam que ao encorajarem o seu filho a conviver com outras crianças e jovens, e a participar em actividades extracurriculares, por exemplo, estão a dar-lhe mais oportunidades para desenvolverem laços com os seus pares e, conseqüentemente, para receberem o seu apoio (Mahoney, Cairns & Farmer, 2003). Por sua vez, as crianças e os jovens que têm um nível alto de apoio social, ou seja, que são estimadas e valorizadas pelos outros, que recebem a sua ajuda prática e o seu companheirismo (Taylor, 2011), estão mais protegidas contra a agressão dos pares durante a adolescência e durante a vida adulta também (Kendrick, Jutengren & Stattin, 2012; Brendgen & Poulin, 2018).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brendgen, M., & Poulin, F. (2018). Continued Bullying Victimization from Childhood to Young Adulthood: a Longitudinal Study of Mediating and Protective Factors. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 46 (1), 27-39.

Erling, A. (2004). Why do some children of short stature develop psychologically well while others have problems? *European Journal of Endocrinology*, (151), 35-39.

Hymel, S., & Swearer, S. M. (2015). Four decades of research on school bullying: An introduction. *American Psychologist*, 70(4), 293-299.

Kendrick, K., Jutengren, G., & Stattin, H. (2012). The protective role of supportive friends against bullying perpetration and victimization. *Journal of Adolescence*, 35(4), 1069-1080.

King, T., Aitken, Z., Milner, A., Emerson, E., Priest, N., Karahalios, A., Kavanagh, A., & Blakely, T. (2018). To what extent is the association between disability and mental health in adolescents mediated by bullying? A causal mediation analysis, *International Journal of Epidemiology*, 47(5), 1402-1413.

Mahoney, J. L., Cairns, B. D., & Farmer, T. W. (2003). Promoting interpersonal competence and educational success through extracurricular activity participation. *Journal of Educational Psychology*, 95(2), 409-418.

Rose, C. A., Espelage, D. L., Monda-Amaya, L. E., Shogren, K. A., & Aragon, S. R. (2013). Bullying and Middle School Students With and Without Specific Learning Disabilities. *Journal of Learning Disabilities*, 48(3), 239-254.

Sentenac, M., Gavin, A., Gabhainn, S. N., Molcho, M., Due, P., Ravens-Sieberer, U., Matos, M. G. d., Malkowska-Szkutnik, A., Gobina, I., & Vollebergh, W. (2013). Peer victimization and subjective health among students reporting disability or chronic illness in 11 Western countries. *The European Journal of Public Health*, 23(3), 421-426.

Shakespeare, T., Thompson, S., & Wright, M. (2010). No laughing matter: medical and social experiences of restricted growth. *Scandinavian Journal of Disability Research*, 12(1), 19-31.

Taylor, S. E. (2011). Social support: a review. In *The Oxford handbook of health psychology*. New York: Oxford University Press.



**Autora: Lia Silva, Psicóloga Clínica e sócia fundadora da ANDO Portugal**